

CAPÍTULO 1

O MODELO DA PALAVRA PESSOAL

A principal argumentação deste volume é que o discurso de Deus ao homem é algo real. É muito semelhante a uma pessoa conversando com outra. Deus fala de tal maneira que podemos entendê-lo e responder de maneira adequada. E as respostas adequadas são de vários tipos: convicção, obediência, afeição, arrependimento, riso, dor, tristeza e assim por diante. Muitas vezes o discurso de Deus é proposicional: Deus nos transmite uma informação. Mas é muito mais do que isso. Esse discurso inclui todas as características, funções, beleza e riqueza da linguagem que vemos na comunicação humana, e mais. Assim, o conceito que desejo defender é mais amplo do que o da “revelação proposicional” que debatemos com tanto ardor quarenta anos atrás, apesar de incluí-la. Minha tese é a de que a Palavra de Deus, em todas as suas qualidades e aspectos, é uma comunicação pessoal dele conosco.

Imagine Deus falando a você exatamente agora, de modo tão realista quanto você possa imaginar, talvez de pé ao lado da sua cama à noite. Ele conversa com você como se fosse o seu melhor amigo, seu pai ou o seu cônjuge. Não há dúvida em sua mente quanto a quem ele seja: ele é Deus. Na Bíblia, Deus frequentemente falou a pessoas dessa maneira: com Adão e Eva no jardim; com Noé; com Abraão; com Moisés. Por alguma razão, todos eles estavam completamente convencidos de que era Deus quem falava, mesmo quando lhes dizia para fazer coisas que eles não entendiam. Se Deus me tivesse dito para levar o meu filho para o alto de uma montanha e queimá-lo como sacrifício, como pediu a Abraão em Gênesis 22, eu teria chegado à conclusão de que ele não era e não poderia ser Deus, porque Deus nunca daria tal ordem. Mas, de alguma modo, Abraão não levantou essa dúvida. De algum modo, ele sabia que Deus lhe havia falado e sabia o que Deus esperava que ele fizesse. A esta altura questionamos Abraão, assim como Søren Kierkegaard, em *Fear and Trembling*.¹ Mas se Deus é Deus, se Deus é quem ele diz ser, não é provável que ele seja capaz de persuadir Abraão de que era Deus quem realmente estava falando? Ele não é capaz de se identificar claramente com a mente de Abraão?

Agora imagine que, quando Deus fala a você pessoalmente, ele lhe dá alguma informação ou ordena que você faça algo. Você se inclinaria a debater com ele? Você criticará o que ele diz? Você encontrará algo inadequado em seu conhecimento ou na justiça dos seus mandamentos? Espero que não. Pois esse é o caminho para o desastre. Quando Deus

fala, nosso papel é crer, obedecer, nos deliciarmos, nos arrependermos, lamentar – o que ele desejar que façamos. Nossa resposta deve ser sem reservas, vinda do coração. Uma vez que entendemos (e, claro, muitas vezes entendemos mal), não devemos hesitar. Algumas vezes encontramos oportunidade para criticar as palavras uns dos outros, mas as palavras de Deus não estão sujeitas a críticas.

Na Bíblia, algumas vezes ouvimos sobre “discussões” entre Deus e seus interlocutores. Abraão suplicou pela vida de seu sobrinho Ló em Sodoma (Gn 18.22-33) e Moisés pleiteou que Deus não destruísse Israel (Êx 33.12-23). Mas nenhum ser humano, em tal diálogo, deve questionar a verdade do que Deus diz, o direito de Deus fazer o que quer ou a justiça das decisões de Deus. A própria pressuposição do argumento de Abraão, de fato, é: “não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18.25), uma pergunta retórica que deve ser respondida com um “sim”. O debate de Abraão com Deus é uma oração, pedindo a Deus para fazer exceções ao julgamento vindouro que ele havia anunciado. Abraão persiste naquela oração, como todos os cristãos deveriam fazer. Mas ele não questiona a verdade das palavras de Deus a ele (Rm 4.20-21) ou a justiça dos planos de Deus.² Para ser mais exato, algumas vezes, os crentes, nas Escrituras, encontraram falha em Deus, como fez Jó (40.2), mas isso é pecado e tais pessoas precisam se arrepender (40.3-5; 42.1-6).

O discurso pessoal de Deus não é uma ocorrência extraordinária na Escritura. Na verdade, é o principal mecanismo a impulsionar a narrativa bíblica avante. Na história bíblica, o que está em questão é sempre a Palavra de Deus. Deus fala a Adão e Eva no jardim para definir a tarefa fundamental deles (Gn 1.28). Toda a história humana é nossa resposta àquela Palavra de Deus. Deus fala a Adão novamente, proibindo-o de comer o fruto proibido (2.17). Aquela palavra põe uma questão diante do primeiro casal: se obedecerem, Deus continuará a abençoá-los; se não obedecerem, ele os amaldiçoará. A narrativa não contempla dúvida a respeito de o casal saber que era Deus quem falava. Nem permite a possibilidade de que não tivessem entendido o que ele estava dizendo. Deus lhes havia dado uma palavra pessoal, pura e simples. A responsabilidade deles era clara.

Isso é o que significa dizer que a Palavra de Deus é *autoritativa*. A *autoridade* da Palavra de Deus varia amplamente de acordo com as muitas funções que alistei. Quando Deus comunica informações, somos obrigados a acreditar nelas. Quando nos diz para fazer alguma coisa, somos obrigados a obedecer. Quando nos conta uma parábola, somos obrigados a nos colocar na narrativa e meditar sobre as implicações dela. Quando expressa afeição, somos obrigados a apreciar e retribuir. Quando nos promete algo, somos obrigados a confiar. Definiremos a *autoridade* da linguagem como a capacidade de criar uma obrigação no ouvinte. Assim, o discurso de uma autoridade absoluta cria uma obrigação absoluta. Obrigação não é o único conteúdo da linguagem, como vimos, mas é o resultado da *autoridade* da linguagem.

Como sabemos, Adão e Eva desobedeceram. Muitas perguntas são levantadas nesse ponto. Como pessoas a quem Deus havia declarado “muito boas”, juntamente com o restante da criação (Gn 1.31), desobedeceram a sua palavra? A narrativa não nos diz. Outra pergunta é por que eles teriam desejado desobedecer a Deus. Eles sabiam quem Deus era. Eles entendiam a autoridade da sua palavra e seu poder para amaldiçoar ou abençoar. Por que tomariam uma decisão que claramente traria maldição sobre si mesmos? A questão se complica um pouco pela presença de Satanás na forma de uma serpente. Satanás se

atreveu a interpor uma palavra que rivalizava e contraditava a palavra de Deus. Mas, para começar, por que Adão e Eva dariam algum crédito a Satanás? A resposta mais profunda, penso eu, é que Adão e Eva queriam ser seus próprios deuses. De maneira impulsiva, arrogante e, sem dúvida, irracional, trocaram a verdade de Deus por uma mentira (cf. Rm 1.25). Assim, trouxeram a maldição de Deus sobre si mesmos (Gn 3.16-19). Evidentemente, deviam ter feito uma escolha melhor. A palavra de Deus era clara e verdadeira. Eles deviam tê-la obedecido.

Noé também ouviu o discurso pessoal de Deus, dizendo a ele para construir uma arca. Ao contrário de Adão, ele obedeceu a Deus. Ele deve ter pensado, como seus vizinhos e como Adão, que Deus não podia estar correto a respeito daquilo. Por que construir um barco gigantesco num deserto? Mas Noé obedeceu a Deus e o Senhor vindicou sua fé. Do mesmo modo aconteceu a Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Josué, Gideão, Davi. Todas essas narrativas e outras começam com o discurso pessoal de Deus, frequentemente dizendo algo difícil de acreditar ou dando uma ordem a respeito de algo difícil de fazer. O curso da narrativa depende da resposta do personagem, em fé ou descrença. Hebreus 11 traz um sumário dos que agiram com fé. Em ambos os testamentos, fé é ouvir a Palavra de Deus e executá-la.

Esta é a história bíblica: a história de Deus falando ao povo pessoalmente e o povo respondendo de modo adequado ou inadequado.

A Escritura é franca com respeito à verdadeira natureza da vida cristã: ter a Palavra de Deus e obedecê-la. Jesus disse: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14.21). Tudo o que sabemos sobre Deus, sabemos porque ele nos disse, por meio de seu discurso pessoal. Todos os nossos deveres para com Deus vêm de seus mandamentos. Todas as promessas de salvação por meio da graça de Cristo são promessas de Deus, de sua própria boca. Que outra fonte existiria para uma mensagem de salvação que tanto contradiz nossos próprios sentimentos de autovalorização, nossas próprias ideias de como obter o favor de Deus?

Ora, com certeza, existem dúvidas a respeito de onde podemos encontrar as palavras pessoais de Deus hoje, pois normalmente ele não nos fala mais como o fazia com Abraão. (Essas são questões relativas ao *cânon*.) E existem perguntas sobre como podemos entender as palavras de Deus, dada nossa distância da cultura na qual foram dadas. (Essas são questões *hermenêuticas*.) Darei atenção a essas perguntas no momento adequado. Mas a resposta *não pode* ser que as palavras pessoais de Deus estão indisponíveis a nós, ou não nos são compreensíveis. Se dissermos qualquer destas coisas, perderemos todo o vínculo com o evangelho bíblico. A ideia de que Deus se comunica com os seres humanos com palavras pessoais permeia toda a Escritura e é central para cada doutrina da Escritura. Se Deus, de fato, não tem falado a nós pessoalmente, então perdemos qualquer base para crer na salvação pela graça, no juízo, na expiação de Cristo – na verdade, no Deus bíblico. Na verdade, se Deus não tem nos falado pessoalmente, então tudo o que é importante no Cristianismo é especulação humana e fantasia.

Apesar disso, deve ser evidente para qualquer um que tenha estudado a história recente da teologia que as tradições liberal e neo-ortodoxa em voga têm, de fato, negado que tais palavras pessoais ocorreram e até mesmo que pudessem ocorrer. Outros têm dito que, embora as palavras pessoais de Deus possam ter ocorrido no passado, não estão mais

disponíveis a nós como palavras pessoais por causa dos problemas de hermenêutica e cânon. Se tais teologias são verdadeiras, tudo está perdido.

Este livro é simplesmente uma exposição e defesa do modelo bíblico de comunicação divina por meio de uma palavra pessoal. Como tal, será diferente de muitos livros sobre a teologia da revelação e da Escritura. É óbvio que este livro divergirá das posições liberal e neo-ortodoxa, mas não gastará muito tempo analisando-as. Nem se assemelhará a muitos livros recentes de autores mais conservadores que têm o propósito de mostrar quanto podemos aprender da crítica bíblica e como o conceito de inerrância precisa ser redefinido, circunscrito ou descartado.³ Não duvido que possamos aprender algo da crítica bíblica, mas este não é o meu interesse aqui. Quanto à inerrância, penso que é uma ideia perfeitamente boa quando entendida na acepção que o dicionário lhe confere e de acordo com as intenções de seus usuários originais. Mas ela é apenas um elemento de um quadro maior. O termo *inerrância*, na verdade, diz muito *menos* do que precisamos dizer ao louvar a autoridade da Escritura. Argumentarei que a Escritura, juntamente com todas as outras comunicações de Deus a nós, deve ser tratada como nada menos do que palavra pessoal de Deus.

Para provar este ponto, não penso ser necessário seguir a prática teológica hoje comum de estabelecer a história da doutrina e suas alternativas contemporâneas e depois, no pequeno espaço que sobrar, escolher entre as opções viáveis. Resumi meu ponto de vista sobre a tradição liberal aqui nos capítulos 3-7 e espero que nas próximas edições deste livro e em outros escritos eu encontre tempo para interagir mais detalhadamente com aqueles escritos.⁴ Mas, embora possamos aprender da história da doutrina e dos teólogos contemporâneos, as respostas finais para nossas perguntas devem vir da própria Palavra de Deus. E não penso que seja preciso procurar com tanto afincamento para encontrar essas respostas. Você não precisa se empenhar em exegeses confusas e complicadas. Você precisa apenas olhar para as coisas óbvias e ser guiado por elas, em vez de seguir por um ceticismo iluminista. Este livro tentará estabelecer aqueles ensinamentos óbvios e explorar algumas de suas implicações.

A principal diferença entre este livro e outros livros sobre as doutrinas da revelação e da Escritura é que estou tentando aqui, acima de tudo, ser rigorosamente consistente com o ponto de vista da própria Escritura sobre si mesma. Nesse sentido, estou interessado não apenas em defender o que a Escritura diz acerca da Escritura, mas em defendê-la por meio da própria cosmovisão, epistemologia⁵ e valores bíblicos.⁶ Que existe uma circularidade aqui, eu não duvido. Estou defendendo a Bíblia a partir da Bíblia. Certo tipo de circularidade é inevitável quando se procura defender um padrão fundamental de verdade, pois a própria defesa deve se justificar por tal padrão.⁷ Obviamente, não hesitarei em trazer considerações extrabíblicas para manter o argumento quando tais considerações forem aceitáveis dentro da epistemologia bíblica. Porém, mais importante do que isso, confio que o Espírito Santo trará convicção aos leitores deste livro. Veremos que a comunicação de Deus com os seres humanos é sobrenatural do começo ao fim.